

Reflexões sobre processos educativos musicais oriundos de práticas sociais: vivências em um grupo de Capoeira

Anderson Moisés B.S Chagas

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
moisesbschagas@gmail.com

Ilza Zenker Ieme Joly

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
ilzazenker@gmail.com

Resumo: Este trabalho é fruto de uma disciplina de mestrado ofertada no programa de pós-graduação em educação de uma Universidade do interior do estado de São Paulo. O presente artigo buscará levantar reflexões sobre processos educativos musicais oriundos de práticas sociais relacionadas a um grupo de Capoeira. Entendemos que processos educativos são inerentes a práticas sociais, e ao mesmo tempo decorrentes destas. Neste contexto, e com a perspectiva de que muitas aprendizagens podem brotar da convivência social entre os participantes do grupo de Capoeira, buscaremos responder a questão de pesquisa relacionada a: quais processos educativos musicais são oriundos dessa convivência entre os participantes? E como as pessoas podem se educar em comunhão¹ aprendendo umas com as outras? Para tal, optamos em realizar uma inserção no referido grupo de Capoeira, pretendendo identificar e descrever através da confecção de Diários de Campo, os possíveis processos educativos oriundos desta prática relacionada ao convívio dos participantes do grupo, realizando análises e reflexões sobre. A pesquisa pode evidenciar que apesar das pessoas estarem ali reunidas no espaço por conta da Capoeira, alguns processos educativos musicais relacionados a aprendizagem coletiva e ao ensino não formal de instrumento puderam ser constatados durante a convivência dos participantes.

Palavras-chave: processos educativos, práticas sociais, capoeira.

1. Introdução

Este trabalho é fruto de uma disciplina de mestrado ofertada no programa de pós-graduação em educação de uma Universidade do interior do estado de São Paulo. O presente

¹ Termo utilizado por Freire que se refere a uma educação onde “já agora ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1994, p.39).

artigo buscará levantar reflexões sobre processos educativos musicais oriundos de práticas sociais relacionadas a um grupo de Capoeira. Entendemos que processos educativos são inerentes a práticas sociais, e ao mesmo tempo decorrentes destas. Os estudos relacionados a esse tema, possuem os objetivos de compreender questões relacionadas a: como e para que as pessoas se educam ao longo da vida, em situações não escolarizadas, e buscar entender as influências desses processos nas aprendizagens escolares. Podemos entender que processos educativos em práticas sociais estão relacionados ao ato de que, eu me construo enquanto pessoa convivendo em sociedade através de trocas de experiências. E que nesse sentido, cada pessoa contribui para a “construção de ‘um’ nós em que todos estão implicados” (OLIVEIRA et al., 2014, p. 29).

Assim, é preciso entender de que maneira as pessoas se educam em ambientes não escolares, e como essa prática pode contribuir para a educação que ocorre nas escolas. O contexto histórico apresentado no livro *Processos Educativos em Práticas Sociais* relata que a princípio as pesquisas nesta área possuíam o referido objetivo. E ao decorrer do tempo, as mesmas pesquisas quebraram paradigmas construídos no sentido de que algumas práticas são educativas e outras não. Sendo assim, com as novas pesquisas realizadas, as mesmas puderam abrir caminhos de entendimentos relacionados a que todas práticas sociais são processo educativos. Mais tarde, houve outro avanço na linha de pesquisa, e passaram a investigar de que maneira essas práticas sociais podem ajudar a construir uma sociedade mais igualitária e humanizadora (OLIVEIRA et al., 2014).

Práticas sociais se caracterizam pela interação entre as pessoas e entre essas pessoas e os ambientes sociais e culturais em que vivem. As mesmas “desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver; enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas” (OLIVEIRA et al., 2014, p.33). Neste sentido, as práticas sociais possuem papel de extrema importância na sociedade, onde observamos que:

As práticas sociais tanto podem enraizar ou desenraizar ou levar a criar novas raízes. O enraizamento parte das tradições e busca mantê-las vivas. O desenraizamento, partindo de diferente contexto e pontos de vista, expropria seres humanos, transformando jeito de viver e de ser, impõe papéis sociais adversos recompõe identidades (OLIVEIRA et al., 2014, p. 33).

A prática social é fundamental para que uma pessoa desenvolva sua identidade, pois nela as pessoas se “expõem, com espontaneidade ou restrições, modos de ser, pensar, agir, perceber experiências produzidas na vida” (OLIVEIRA et al., 2014, p.35). Se aproximando assim ao ato de humanização.

Sendo assim, as práticas sociais contribuem para a vida em sociedade através dos processos educativos inerentes nesta atividade. Ao olharmos para os processos educativos oriundos de práticas sociais, acabamos estabelecendo um olhar crítico ao dito “monopólio pedagógico do sistema educacional” (OLIVEIRA et al., 2014, p.38). Devemos entender que cada pessoa pode fazer uma leitura das vivências, valorizando a bagagem cultural de cada indivíduo, só assim os processos educativos farão sentido. Neste contexto:

(...) processos educativos se desenrolam em práticas sociais, inclusive nas escolares. Os sujeitos que participam de tais práticas interconectam o aprendido em uma prática com o que estão aprendendo em outra, ou seja, o aprendido em casa, na rua, na quadra comunitária do bairro, nos bares, no posto de saúde, por todos os espaços por onde cada um transita, serve como ponto de apoio e referência para novas aprendizagens, inclusive aquela que a escola visa proporcionar (OLIVEIRA et al., 2014, p.38).

Uma das maneiras de entendermos processos educativos oriundos de práticas sociais, está relacionada a que o pesquisador e/ou pesquisadora deve buscar uma inserção cultural, histórica e política do grupo em que pretende observar.

2. Contexto da pesquisa

O presente artigo relata experiências vividas no grupo de Capoeira “Semente do Jogo de Angola”. O referido grupo trata-se de uma entidade civil sem fins lucrativos, fundada em Salvador – BA por Jorge Egídio dos Santos, conhecido como Mestre do jogo de Dentro. O Mestre desenvolve suas atividades através de projetos sociais com a finalidade de unir pessoas interessadas na prática e no estudo da Capoeira de Angola. Um dos objetivos do grupo é realizar atividades que contemplem o desenvolvimento cultural, buscando contribuir com a comunidade em questões relacionadas ao respeito e a superação da exclusão social, agregando a valorização da Cultura Negra e Africana para a construção do Brasil. Promovendo assim, o reconhecimento da Capoeira de Angola como Tradição Cultural. O grupo de Capoeira

Semente do Jogo de Angola possui núcleos em vários lugares espalhados pelo Brasil e pelo mundo, dentre estes, encontra-se o núcleo da cidade de Ribeirão Preto – SP, no qual o presente trabalho foi desenvolvido. Vale ressaltar, que o núcleo localizado na cidade de Ribeirão Preto desenvolve suas atividades no espaço denominado “Estação Luz”, um espaço destinado à experimentação de tecnologias naturais, e ao desenvolvimento e realização de projetos sociais. O referido espaço se trata de uma OSCIP (organização da sociedade civil de interesse público) de Ribeirão Preto focada na sustentabilidade e na promoção da educação ambiental. O referido grupo Semente do jogo de Angola atualmente é formado por 11 pessoas com uma ampla faixa etária de idade.

No contexto apresentado anteriormente, e com a perspectiva de que muitas aprendizagens musicais podem brotar da convivência social entre os participantes do grupo de Capoeira, foi possível chegar a um problema relativo a: quais processos educativos musicais são oriundos dessa convivência entre os participantes? Tendo como objetivo geral analisar esses processos educativos, e como objetivo específico identificar e descrever os possíveis processos oriundos desta prática relacionada ao convívio dos participantes do grupo.

Na busca em alcançar os objetivos propostos, optamos por realizar uma cuidadosa inserção no campo de pesquisa, pretendendo tornar-se um integrante da comunidade, buscando capturar todas as nuances possíveis presentes na referida prática social. Neste sentido:

Suspender nossos conhecimentos, ao conviver em uma outra comunidade para melhor compreender as relações que ali se estabelecem, não é entendido como um silenciamento de si próprio, de sua história, de seus conhecimentos, mas o reconhecimento de que todos e todas construímos uma visão de mundo e com esta visão vemos e estamos no mundo, e antropologicamente podemos dizer “isto é mundo” (OLIVEIRA et al., 2014, p.42).

No objetivo de pesquisar e compreender processos educativos oriundos de práticas sociais, a inserção no campo de pesquisa que levou ao desenvolvimento do presente trabalho, ocorreu durante quatro encontros com duração de aproximadamente duas horas cada. Vale ressaltar, que o pesquisador se inseriu como aluno e participante ativo do grupo, realizando todas as atividades propostas como qualquer integrante do grupo. Vale destacar também que

a coleta de dados se deu em vários momentos dos encontros, desde a chegada ao espaço, passando pelos diálogos informais entre os participantes, e durante as aulas.

3. Metodologia

Partindo da ideia que o presente trabalho consiste em uma busca por desvendar processos educativos musicais oriundos de práticas sociais relacionadas às aulas de Capoeira, entendemos que um dos desafios encontrado no presente trabalho esteve ligado a: buscar uma inserção assertiva no meio do convívio social entre os participantes do grupo, para então poder descrever quais processos educativos puderam ser encontrados neste ambiente. Para que esse desafio pudesse ser trabalhado, julgamos necessário o desenvolvimento e a realização de uma pesquisa que contemplasse a perspectiva de observação participante relatada no livro *Pesquisa Social* organizado por Minayo onde a mesma relata que:

A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto. A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real (MINAYO, 2002 p.59-60).

Por outro lado, a realização de uma pesquisa qualitativa foi indispensável para o alcance dos resultados esperados, visto que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002 p.21-22).

Neste contexto, entendemos que a realização e a confecção de um diário de campo é parte fundamental para o trabalho, no sentido que o mesmo reflete tudo aquilo que o investigador experiencia, desembocando em dados de um estudo qualitativo. Sendo assim, o

Diário de Campo possui duas funções, a primeira é a descritiva, onde o objetivo é captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ação e conversas observadas. E por outro lado a função da reflexão, ou seja, “a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as suas ideias e preocupações” (BORGAN; BIRKLEN, 1994, p. 152). Os mesmos autores destacam também que, ao realizar a descrição de um Diário de Campo deve-se evitar usos de expressões abstratas. Neste sentido, podemos destacar alguns pontos interessantes a serem levados em conta no ato de criar um Diário de Campo, são eles: retrato dos sujeitos, reconstruções do diálogo, descrição do espaço físico, relatos de acontecimentos particulares e descrição de atividades. Dentre as características citadas acima, somamos também o ato do observador estar sempre atento ao seu “comportamento e tudo o que possa afetar os dados que são recolhidos e analisados” (BORGAN; BIRKLEN, 1994, p. 164).

Por outro lado, podemos apontar como característica essencial a questão reflexiva sobre os dados, no sentido de melhorar as notas de campo. Porém, para tal é necessário que o pesquisador enfatize as ideias, impressões, preconceitos e problemas tornando assim uma pesquisa reflexiva. Neste sentido, a reflexão de nota de campo deve conter algumas características como: reflexões sobre a análise, reflexões sobre o método, reflexões sobre conflitos e dilemas éticos, reflexões sobre o ponto de vista do observador, pontos de clarificação, e por fim realizar comentário que clarifiquem algo que pode estar confuso (BORGAN; BIRKLEN, 1994, p. 150-175).

O diário de campo auxilia na compreensão da realidade pesquisada, os registros podem ser confrontados com as informações prévias iluminando questões e nuances que bibliografias não podem fazê-lo por completo. O uso do Diário de campo define “o esforço intelectual do pesquisador que objetiva uma descrição densa. Esforço que está presente no momento da descrição dos dados, esforço que ocorre porque se tenta, a construção das construções de outras pessoas” (ANDRADE apud WHITAKER, 2002. p.131). Concluímos no contexto apresentado que foi de grande valia as reflexões e o entendimento de questões que estão ligadas ao ato de relatar nuances de um determinado grupo, visto que o presente trabalho foi desenvolvido em um grupo de Capoeira que possui características heterogêneas no sentido de: gênero, faixa etária, classe social, e interesses e motivações de fazerem parte do grupo. E neste contexto, acreditamos que o entendimento da construção de um

Diário de Campo potencializará a compreensão da realidade do referido grupo, proporcionando um diálogo. Passando segundo Lopes et al (2002, p. 134) pela questão da “relação intersubjetiva entre o pesquisador e os sujeitos da realidade pesquisada”. Buscando uma aproximação do ato de humanização.

4. Análise dos dados

Neste momento do trabalho será apresentado reflexões sobre alguns dados colhidos durante o tempo de inserção. Podemos destacar, que nas leituras e estudos realizados sobre os diários de campo, confeccionado para o presente trabalho, observarmos algumas categorias de processos educativos musicais a serem destacadas e organizadas para um melhor entendimento do leitor/a. As categorias são: aprendizagem coletiva; o aprender umas com as outras.

4.1 Aprendizagem coletiva

Nesse mesmo tempo chegaram mais duas moças, e logo foram se ajeitando com os instrumentos que se encontravam na sala. Havia três berimbau², dois pandeiros, um atabaque³, um agogô⁴ e um reco-reco⁵ pelo que me dei conta olhando na mesa de instrumentos. Eu na verdade estava com muita vontade de pegar algum instrumento e participar daquele ensaio, porém fiquei meio tímido. Nesse momento parece que alguém percebeu minha vontade e logo me chamou e disse: “agarra algum instrumento aí, e vamos tocar com a gente”; eu de pronto aceitei. Corri e busquei o primeiro que me veio a frente, que por

² O berimbau é um instrumento de corda de origem angolana. É constituído por uma vara em arco, de madeira ou verga, com um comprimento aproximado de 1,50 metros a 1,70 metros e um fio de aço (arame) preso nas extremidades da vara. Na sua base, é amarrada uma cabaça, sendo mais comum a cabaça com o fundo cortado, que funciona como caixa de ressonância. O tocador de berimbau usa a mão esquerda para sustentar o conjunto e pratica um movimentos de vai e vem contra o ventre, utilizando uma pedra ou uma moeda (dobrão), para pressionar o fio. A mão direita, com uma varinha, percute a corda. É usado, também, o caxixi, que é um pequeno chocalho preso aos dedos do tocador. (BOLÃO, 2010).

³ Atabaque é um instrumento musical de percussão afro-brasileiro. O nome se originou do termo árabe al-Tabaq, que significa "prato". Constitui-se de um tambor cilíndrico ou ligeiramente cônico, com uma das bocas coberta de couro de boi, veado ou bode (BOLÃO, 2010).

⁴ O agogô é constituído de duas campânulas de metal de alturas diferentes, percutidas com uma baqueta de madeira ou uma vareta de ferro. Presente em diversos estilos musicais afro-brasileira, é conhecido também por gonguê ou gã (BOLÃO, 2010).

⁵ Reco-reco é feito de um pedaço de bambu com entalhes transversais, que, friccionados por uma vareta, produzem um som raspado (BOLÃO, 2010).

acaso foi o pandeiro. Eu disse que não sabia tocar a levada rítmica de capoeira no pandeiro e que precisaria de ajuda. Logo uma das moças que também pegou o pandeiro me disse: “é só você copiar o que o berimbau faz” eu respondi “Ok, vou ver você fazendo, e copio você, acho que vai ser melhor”.

Gilberto, que se encontrava na ponta da roda, puxou uma levada rítmica ⁶no berimbau, e logo em seguida as outras duas moças que também estavam com o berimbau o acompanharam, assim que começou a fluir lindamente o conjunto de berimbaus a minha companheira de instrumento começou a tocar o pandeiro acompanhando-os e olhou para mim como que dizendo “é assim a levada do pandeiro” eu logo há copiei e comecei a tocar junto. Foi uma sensação gostosa, como sempre é fazer música em grupo, logo me internalizei com o ritmo e fiquei mais à vontade na roda, me sentindo realmente como um integrante do grupo mesmo sendo meu primeiro dia com eles. DC1⁷

No referido diálogo extraído do diário de campo, foi possível perceber o quanto as pessoas aprendem e ensinam umas com as outras, e podemos perceber também a importância do outro na construção do conhecimento. Porém, vale destacar que o outro não necessariamente deve ser a pessoa que assume o papel de professor. No diálogo citado anteriormente, o outro a quem me contribuiu para a aprendizagem, encontrava-se na posição de aluno perante ao grupo, assim como eu. Neste sentido cabe refletir sobre uma citação de Freire onde o mesmo relata que “já agora ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1994, p.39).

4.2 O aprender umas com as outras

Enquanto alguns se alongavam e outros conversavam. Marisa e outra moça pegaram os pandeiros e começaram a dialogar, pude perceber que a moça sabia tocar uma levada rítmica de Samba no pandeiro, o que deixou Marisa animada em aprender. A moça percebendo isso, logo começou a ensina-la. Não consegui escutar o diálogo entre elas, mas pude perceber uma estratégia de ensino através da imitação e repetição. Marisa reproduzia os movimentos ensinado pela colega, que

⁶ Maneira característica e padronizada de se tocar um instrumento, em determinado gênero musical.

⁷ Excerto extraídos dos Diários de Campo.

hora eram divididos em partes, e hora eram realizados por inteiros. Ambas pareciam bem animadas nessa vivência. DC4

Todos alunos, participaram ao menos uma vez do jogo na Roda. Caetano (Professor) em um determinado momento sugeriu que eu jogasse um pouco, mas não me senti seguro e não aceitei, acredito que ele entendeu minha postura. Porém, em um determinado momento, quando deu-se uma pequena pausa na Roda e nos cantos, João sugeriu que eu fosse tocar o Atabaque em seu lugar, eu aceitei e perguntei: “mas como que toca?” Ele respondeu: “é assim, e tocou o ostinato rítmico ⁸e disse: “aqui tem uma pausa! Qualquer coisa é só você acompanhar o Pandeiro!”. Eu, enquanto ele realizava o ostinato, fui copiando seus movimentos do outro lado do Atabaque, até que ele afirmou positivamente com a cabeça como que dizendo: é isso. Antes de deixar o instrumento sobre minha responsabilidade, comentou: “você tem que esperar ele cantar a Ladainha⁹ inteira, somente depois a hora que o coro começar a responder, aí sim você entra tocando”. Eu respondi, Ok! Caetano iniciou o ostinato no Berimbau e em seguida começou a cantar. Olhei para João, ele me olhou como que dizendo: espera ele terminar. Eu assim o fiz. Assim que terminou a Ladainha, eu e o restante dos instrumentistas começamos a tocar, e novamente olhando para o João ele me acenou positivamente. DC4

Nos relatos destacados, encontramos algumas situações relacionadas a processos educativos. Pudemos perceber essas aprendizagens no relato referente ao momento antes do início da aula, quando a moça começou ensinar a Marisa como se deve realizar a levada de Samba no pandeiro. Acreditamos, que de alguma forma, essa prática pôde proporcionar processos educativos relacionados ao ensino “não formal” de instrumento. Entendemos como educação não formal aquela citada por Libâneo, onde o mesmo destaca que:

A educação *não formal*, por sua vez, são aquelas atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas. Tal é o caso dos movimentos sociais organizados na cidade e no campo, os trabalhos comunitários, atividades de animação cultural, os meios de comunicação social, os equipamentos urbanos culturais de lazer (museus, cinemas, praças, áreas de recreação) etc (LIBÂNEO, 2010, p. 89).

⁸ Em música, um ostinato é um motivo ou frase musical que é persistentemente repetido numa mesma altura. A ideia repetida pode ser um padrão rítmico, parte de uma melodia ou uma melodia completa.

⁹ Maneira como alguns alunos chamam os cantos realizados na Capoeira.

Por outro lado, quando João sugeriu que eu o substituísse no Atabaque, de imediato iniciou-se um processo de ensino e aprendizagem, visto que eu não sabia como realizar o ostinato rítmico, e tampouco sabia que deveria esperar a *Ladainha* terminar para começar a tocar, ou seja, acreditamos que essas vivências, de alguma forma, foram transformadas em “saberes de experiência feito”. Podemos constatar que nem sempre é pela fala que se ensina e aprende, e que nesse sentido o olhar assume um papel importantíssimo nas relações. Refletimos também com os relatos, a importância do entendimento de que o olhar pode: ensinar, aprovar, reprovar e estimular as aprendizagens.

5. Considerações finais

Entendemos que a realização do presente trabalho nos proporcionou grandes aprendizagens e experiências. O mesmo buscou trazer algumas contribuições para o campo da pesquisa em Educação Musical, no sentido que para sua realização e confecção tivemos que mergulhar em bibliografias riquíssimas relacionadas a práticas sociais, processos educativos, bem como realizar uma pesquisa de campo que pudesse levantar dados relacionados ao ensino e aprendizagem musical em um contexto não formal. Esse âmbito de pesquisa, nos proporcionou o entendimento de que, nós, na posição de pesquisadores/as e educadores/as, devemos nos aproximar ao máximo das relações sociais encontradas no campo de pesquisa, procurando entender como se dão essas relações entre as pessoas, bem como suas visões de mundo, suas ambições, e a partir daí poder levantar reflexões importantes sobre a realização de uma pesquisa *com* eles, em um ato de humanização e construção.

Por outro lado, pudemos observar também nos relatos destacados durante o trabalho, algumas situações relacionadas a processos educativos musicais, entendendo que em um mesmo espaço as pessoas se educam e aprendem outras coisas, umas com as outras. Sendo assim:

As práticas sociais nos encaminham para a criação de nossas identidades. Estão presentes em toda a história da humanidade, inseridas em culturas e se concretizam em relações que estruturam as organizações das sociedades. Permitem, elas, que os indivíduos e a coletividade se construam. Delas,

participam, por escolha ou não, pessoas de diferentes gêneros, crenças, culturas, raças/etnias, necessidades especiais, escolaridades, classes sociais, faixa etária e orientações sexuais. Participam pessoas com diferentes percepções e conhecimentos, em diferentes processos de trabalho e lazer, em diferentes espaços, escolares e não escolares (OLIVEIRA et al., 2014, p. 35).

Concluimos no contexto de pesquisa apresentado que mesmo as pessoas estando ali, participando dos encontros por conta da Capoeira, outras aprendizagens brotam dessa prática social tão rica, complexa, humana e musical.

Referências

BOGDAN, Roberto; BIKLEN, Sari. Notas de campo. In: BOGDAN, Roberto; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994, p.150-175.

BOLÃO, Oscar. *Batuque é um Privilégio: a percussão na música do Rio de Janeiro para músicos, arranjadores e compositores*. São Paulo: Irmão Vitale, 2010.

COSTA, Sidiney Alves. Diário de campo como dialética intersubjetiva. In: Whitaker, Dulce C. A. (org). *Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes*. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002. p. 151-157.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

LIBÂNEO, J. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 12.ed. São Paulo, Cortez, 2010.

LOPES, Dulcelaine Lucia; LIMA, Helton Souto; COSTA, Sidney Alves; RIBEIRO, Vanderlei. O Diário de Campo e a memória do pesquisador. In: Whitaker, Dulce C. A. (org). *Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes*. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002. p. 131-134.

LOPES, Dulcelaine Lucia; LIMA, Helton Souto; COSTA, Sidney Alves; RIBEIRO, Vanderlei. O Diário de Campo e a memória do pesquisador. In: Whitaker, Dulce C. A. (org). *Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes*. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002. p. 131-134.

MINAYO, Maria; DESLANTE, Suely; NETO, Otávio; GOMES, Romeu. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Maria Waldenez; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aida Victória Garcia; JOLY, Ilza Zenker Leme. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues (Orgs). *Processos Educativos em Práticas Sociais: pesquisas em educação*. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 29-46.